



HISTÓRIA, ESPAÇO E RELIGIÃO.

■ EDGARD LEITE ¹

RESUMO: NESTE ARTIGO TRATAMOS DA APLICAÇÃO DOS CONCEITOS DE “ESPAÇO ITINERANTE”, “ESPAÇO IRRADIANTE” E “MAPA COGNITIVO” AO ENTENDIMENTO DAS RELAÇÕES ENTRE HISTÓRIA, ESPAÇO E RELIGIÃO. SUGERIMOS QUE A PERMANENTE MUTAÇÃO DAS RELAÇÕES DO HOMEM COM O ESPAÇO QUE OCUPA E ENTENDE É UM DOS ELEMENTOS QUE MODULA A TRANSFORMAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS AO LONGO DO TEMPO.

PALAVRAS-CHAVE: HISTÓRIA DAS RELIGIÕES. ESPAÇO.

André Leroi-Gourhan discorreu, certa vez, sobre a essencial transformação da relação entre o homem e o espaço, verificada durante a revolução neolítica (LEROI-GOURHAN, s.d, p.136). Tal transformação implicou uma ruptura com um “espaço itinerante” no qual estava inserido o homem do paleolítico e que implicava uma percepção parcial das diversas dimensões envolvidas na existência, tanto do ponto de vista do espaço quanto do tempo.

O ser humano se deslocava, no paleolítico, como fizera por centenas de milhares de anos, numa perspectiva linear e ao sabor de algumas variáveis: as migrações dos diversos animais, tanto predadores quanto presas, as flutuações climáticas

e a ocasionalidade das diversas fontes de água e alimentos. Essa experiência fundadora inseria o ser em um universo impreciso, diante de um espaço restrito, usualmente limitado às margens do deslocamento e ao seu momento, e normalmente cercado de poderosas forças imprevisíveis.

Considerando a baixa densidade populacional e a limitação extrema das expectativas de vida, podemos supor, nos homens do paleolítico, uma correspondente limitação na capacidade de estender o conhecimento objetivo para além dessa estreita trilha existencial, principalmente por conta da precariedade das instituições produtoras ou reprodutoras de conhecimento. O que não quer dizer que tivessem

sua criatividade limitada, ou fossem incapazes de produzir um tipo de "mapa cognitivo", provavelmente bastante vasto, daquele universo que os cercava (RENFREW, 1998, p.194).

Para Colin Renfrew tal criatividade é clara, por exemplo, na lógica dos sepultamentos paleolíticos, que contêm, em suas diversas variações, teorias elaboradas sobre o espaço - e o tempo -, donde podemos depreender a existência de um mapeamento do mundo, em maior medida fantástico, mas que buscava precisar, entre diversas ações que implicavam conhecimento e reconhecimento, uma específica inserção do ser no espaço.

A relação com o espaço, nessa criatividade paleolítica, estava, assim, marcada tanto pela limitação da experiência concreta quanto pela força da imaginação. E a sensibilidade religiosa repousa, em grande medida, na imaginação, ou nessa dimensão da percepção que não é limitada pela objetividade do mundo, mas que vai além dela, ou se estende além dos limites observáveis. Naquele momento o conhecimento objetivo era apenas uma parte menor das experiências sensíveis. "A experiência religiosa", como afirmou Eliade, "enquadra o homem na sua totalidade, revela ao homem a sua modalidade de ser no mundo" (ELIADE, p.134). No caso do paleolítico tratava-se de uma modalidade de ser relacionada a uma estreita experiência concreta, mas certamente depreendida a partir de um universo de subjetividades, de fantasias, temores e desejos tão

potencialmente ricos quanto o nosso, contemporâneo.

Embora arqueólogos atuais sejam cautelosos com relação à desenvoltura com que Gordon Childe teorizou a revolução neolítica e a revolução urbana, cunhando e consolidando os termos numa dimensão que muitos consideram hoje como próprio de uma "arqueologia imaginativa" (GAMBLE, p.17), é muito difícil deixar de considerar a significação das grandes transformações que, de uma forma desigual e nem sempre simultâneas, propiciaram, no entanto, a interrupção de uma experiência prévia de itinerância e introduziram os fundamentos de uma existência sedentária.

Peter Wilson, por exemplo, anotou que sociedades domésticas neolíticas realizavam suas existências referindo-se a estruturas que não eram as mesmas de caçadores e coletores (WILSON, p.153). Ou, como resume Gamble, "domesticamos a nós mesmos como uma espécie social distinta através da existência atrás de muros, em torno de pátios e em vilas e cidades celulares e modulares, que o arqueólogo Trevor Watkins descreveu como 'teatros de memória'" (GAMBLE, p. 31).

Tais transformações, assim, introduziram entre os seres humanos aquela concepção de espaço que Leroi-Gourhan denominou de "espaço irradiante": uma experiência estática, centralizada no âmbito de sedentarização, implicando uma perspectiva de separação em relação ao meio, ou à natureza circundante. Tal processo exigiu um movimento prévio de discernimento e percepção,

no qual o projeto de separação entre homem e meio, enquanto distanciamento intelectual e necessário ao inquérito racional, desempenhou um papel relevante. Renfrew chama a atenção para o papel desempenhado, nas passagens para o neolítico, do cavalo e da carroça, no sentido da ampliação da percepção de espaço, estruturando um “mapa cognitivo” crescentemente objetivo (RENFREW, p.207), o qual, somado às reflexões sobre a realidade do funcionamento da natureza, ou seja, por exemplo, o entendimento dos mecanismos de reprodução de espécies ou a compreensão da lógica do plantio e da colheita, estabeleceram um distanciamento - e maior sofisticação - daquilo que deveria ser considerado prioritariamente no campo da imaginação.

Mircea Eliade, de fato, afirmou que

as transformações históricas, por exemplo, a passagem da caça e coleta para um estado sedentário... possuem também um significado religioso, desde que uma quantidade de símbolos, mitos e rituais emergem como resultado do processo... as modificações ocasionadas pelas circunstâncias históricas ocasionam novas criações religiosas.” (ELIADE, 1981, p.12).

Assim, a natureza da percepção do espaço, por exemplo, a do espaço ordenado neolítico, estabeleceu, em diferentes dimensões, distintos parâmetros para o entendimento do desconhecido. O conhecimento do espaço, ou dos elementos objetivos que estabelecem os vetores concretos do “mapa cognitivo”, é um dos fundamentos da nova inserção do ser num universo maior de associações entre ele o mundo, no qual a dimensão religiosa continua relevante.

Sabe-se que a experiência neolítica foi, entre outras coisas, uma experiência de expansão populacional. As razões pelas quais isso ocorreu são matéria de discussão até hoje, principalmente porque ainda vivemos o desenvolvimento desse projeto e os paradigmas estruturais que fundamentaram tal transformação atuam ainda em nossa cultura e civilização. Tal evento está ligado, primeiramente, ao sedentarismo, ao abandono da itinerância e seu impacto na fertilidade feminina e, em segundo lugar, à introdução e ao desenvolvimento da economia agropastoril. (BOCQUET-APPEL; BAR-YOSEF, p.4). Como bem foi anotado mais tarde por Levi-Strauss, a Revolução Industrial desempenhará, depois, um papel igualmente transformador (LEVI-STRAUSS, 1962, p.24 *apud* POMIAN, 1990, p.174), mas, assim podemos perceber, o fará dentro do âmbito paradigmático das transformações estabelecidas no período neolítico.

II

Todos esses movimentos lidam com as complexas questões a respeito da natureza do espaço. Albert Einstein, na introdução ao clássico livro de Max Jammer, *Concepts of Space*, defendeu a perspectiva de que uma concepção avançada do espaço em Física, isto é, o “conceito de um espaço absoluto e independente”, adveio da superação da tese de que o espaço fosse apenas uma qualidade do mundo de objetos materiais (EINSTEIN, p.XV).

Essa era, em essência, a tese de Jammer, que via o Renascimento como o grande momento em que essa superação começou a ser realizada. Como apontou Einstein, o tema de um espaço independente já existia, por exemplo, nos atomistas, mas, assim ponderamos, não havia condições concretas de uma elevação do conceito de espaço a um patamar operativo superior senão quando a crítica geral do aristotelismo pode ser realizada, na modernidade. E isso foi realizado não apenas na teoria, mas também na prática, isto é, através da consolidação da tese da soberania popular, que rompeu a hierarquia social de qualidades, entendidas como naturais, e na qual o espaço estava inserido. As experiências de Galileu, e depois as descobertas de Newton não são apenas triunfos da Física, mas inserem-se num rol de possibilidades abertas pelo conjunto de transformações históricas que deram origem ao mundo moderno. E, no caso do pensamento europeu, estão diretamente ligadas a uma necessária separação do espaço com relação à crença. E não gratuitamente relacionadas a uma

nova experiência do espaço que é próprio do Renascimento e dos Descobrimentos.

Tal processo de dissociação tem suas origens documentadas no neolítico e está diretamente ligado ao sucesso do “espaço irradiante” e à sensação de controle do mundo que ele introduziu na experiência histórica humana. Tal controle se amplia quanto mais o domínio do espaço implica tanto o seu amadurecimento como objeto de estudo, quanto o conhecimento da lógica que preside sua organização e sentido, em todas as variáveis, da biológica, à química e física.

Assim, como tratamos em outra oportunidade (LEITE, 2010), as antigas observações astronômicas babilônicas, que estabeleceram medições bem avançadas sobre o trânsito de Vênus, na Antiguidade, foram, no entanto, incapazes de propiciar uma associação entre o seu significado maior e a natureza do espaço terrestre e, portanto, não engendraram um modelo cosmológico suficiente, capaz de dar conta de todas as implicações da observação.

De fato, como entre os egípcios, o mundo dos deuses estava localizado para além dos limites do mundo concreto observável, literalmente além da linha do horizonte. Mesmo aqueles que, como Eudoxus, ou Aristóteles, tentaram colocar os cálculos em ordem e projetaram um modelo cosmológico definido, foram igualmente incapazes de passar além do horizonte, admitir que o senso comum derivado do escassamente conhecido não correspondia ao total e elaborar então a limitada e fantasiosa teoria das esferas concêntricas.

Adequadas, sem dúvida, à lógica do “espaço irradiante”, mas expressando uma percepção limitada do espaço. No entanto, integrante de um “mapa cognitivo” devidamente integrado a uma certa realidade de percepção.

A expansão do “espaço irradiado” dá-se, entre outras razões, às custas de um crescente deslocamento do entendimento do espaço, outrora uma experiência considerada como integrada, afetiva, para sua consideração como campo independente, onde regras podem vir a ser conhecidas e potencializadas. Esse movimento, contínuo desde o neolítico, estabelece limites objetivos cada vez mais distantes para a delimitação das áreas concretas dos “mapas cognitivos”, o que sinaliza um distanciamento cada vez maior das razões subjetivas, imaginativas ou religiosas, pelo menos do ponto de vista espacial.

Isso não significa que do ponto de vista existencial tal mapeamento não continue estabelecendo limites objetivos recorrentes próximos ou imprecisos, mas sem dúvida a configuração de tal cartografia concreta engendra novas e permanentes experiências religiosas, correspondentes e integradas a novas formas de ser. Assim, o desaparecimento do horizonte, experiência da modernidade, dos descobrimentos e da astronomia - e depois da astronáutica - inaugura uma nova etapa na natureza das experiências religiosas, que prescinde, portanto, do espaço enquanto qualidade do mundo e o entende como “absoluto e independente”.

III

As experiências religiosas estão, assim, emergindo permanentemente das transformações históricas, que são contínuas, pois a ação do homem sobre a natureza é um processo que só pode encontrar termo na incapacidade do natural em suportar o alargamento da expansão espacial humana. A ideia fundadora, de que o espaço é dependente, de alguma forma, de uma instância transcendente a ele, ou de forças estabelecidas além das fronteiras, que se origina no paleolítico e avança pelas sociedades neolíticas e históricas, explica a permanente emergência, em tal espaço, dos elementos simbólicos que remetem ao universo do desconhecido. Tal dinâmica encontra, no entanto, na modernidade e nas sociedades por ela atingidas, uma transformação expressiva: o deslocamento do espaço para uma realidade em parte entendida pelos paradigmas da física moderna, que é continuação da revolução copernicana, o torna espaço secular. A Geografia, como disciplina, adquire maturidade nesse contexto.

Tal mutação não é menos importante, pois explica em grande parte a necessária busca moderna de uma ciência do espaço, ou do urbano, ou a sua emancipação de cartografias cognitivas fundadas prioritariamente na imaginação e não no conhecimento efetivo da leis ou de padrões que regem as transformações das coisas no mundo

objetivo. A transformação da experiência religiosa diante dessa realidade cognitiva é evidente e assegura um dos panos de fundo dos profundos conflitos religiosos do mundo contemporâneo. Isso não quer dizer, como sabemos bem, que tenha desaparecido a sensação de que os espaços urbano ou rural, irradiantes, contêm em si ainda essa fronteira desconhecida. Assim, ainda é presente a perspectiva de que em determinados lugares ou espaços, o desconhecido, ou o desconhecido tornado realidade incompreensível, o sagrado, emerge misteriosamente, vindo dessa dimensão ainda inexplorada da própria malha cognitiva que traduz o mundo. No entanto, nas sociedades ocidentais, o sagrado tende a se deslocar para fora das áreas espaciais conhecidas, como o "céu", por exemplo, se tornou, para uma imprecisa fronteira exterior ou interior, do próprio indivíduo, o que corresponde ao surgimento da "esfera pública" e à circunscrição da experiência religiosa à família ou ao indivíduo.

Assim, parece claro que as transformações na percepção humana da realidade e natureza do espaço atuam, do ponto de vista histórico, sobre a realidade das percepções religiosas, concedendo a elas novos papéis na medida em que os elementos concretos, o mapeamento da natureza, entre eles, ocupam diferentes papéis nos "mapas cognitivos" das sociedades e das pessoas.

NOTAS

¹ Dr. Professor Associado Universidade do Estado do Rio de Janeiro. email: edleitecastro@yahoo.com

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOCQUET-APPEL, Jean-Pierre ; BAR-YOSEF, Ofer. Prehistoric Demography in a Time of Globalization. In: _____ (ed.): *The Neolithic Demographic Transition and its Consequences*. Springer, 2008.
- ELIADE, Mircea. *Mitos, Sonhos e Mistérios*. Lisboa: Edições 70, 1981.
- _____. Observaciones metodologicas sobre el estudio del simbolismo religioso. In: ELIADE, Mircea et KITAGAWA, Joseph (ed.) *Metodologia de la Historia de las Religiones*. Barcelona: Paidós, 1986.
- EINSTEIN, Albert: Foreword. In JAMMER, Max: *Concepts of Space: The History of Theories of Space in Physics*. Mineola: Dover, 1993.
- GAMBLE, Clive: *Origins and Revolutions: Human Identity in Earliest Prehistory*. Cambridge: Cambridge, 2007.
- LEITE, Edgard: A tradição apocalíptica e as origens da Cosmologia Rabínica. *Oracula*, 6.11 (2010) <http://www.oracula.com.br/numeros/022010/01-leite.pdf>
- LEVI-STRAUSS, Claude: *La Pensée Sauvage*. Paris: Plon, 1962
- LEROI-GOURHAN, André: *O Gesto e a Palavra 2 - Memórias e Ritmo*. Lisboa: Edições 70, s.d.
- POMIAN, Krzysztof: *El Orden del Tiempo*. Madrid: Jucar, 1990.
- RENFREW, Colin. All The King's Horses: Assessing Cognitive maps in later prehistoric Europe. In: MITHEN, Steven: *Creativity in Human Evolution and Prehistory*. London: Routledge, 1998.
- WILSON, Peter: *The domestication of the human species*. New Haven: Yale University Press, 1988

HISTORY, SPACE AND RELIGION

ABSTRACT : IN THIS PAPER WE DEAL WITH THE APPLICATION OF THE CONCEPTS OF "ITINERANT SPACE", "RADIANT SPACE" AND "COGNITIVE MAP" TO UNDERSTAND THE RELATIONSHIP BETWEEN HISTORY, SPACE AND RELIGION. WE SUGGEST THAT THE CONSTANTLY CHANGING RELATIONS OF MAN TO THE SPACE IT OCCUPIES AND UNDERSTAND IS ONE ELEMENT THAT MODULATES THE TRANSFORMATION OF RELIGIOUS EXPERIENCES OVER TIME.

KEYWORDS: HISTORY OF RELIGIONS. SPACE